

/artigos

O dualismo corpo e mente no mangá *The Ghost in the Shell*

Cindi Lúcia Brito da Silva

Universidade Estadual do Amapá (UEAP)

<https://orcid.org/0009-0007-5107-6194>

cindi_lucia@hotmail.com

Resumo: O presente artigo se alicerça no uso do mangá *The Ghost in The Shell*, de Masamune Shirow, para o estudo sobre questões que cercam o ciborgue, mais especificamente na personagem Major Mokoto Kusanagi. No primeiro momento buscou-se analisar a questão do dualismo corpo e mente e os desdobramentos que ele suscita, como a ideia da autonomia cartesiana. No segundo momento, e levando em consideração que nosso objeto de estudo é de uma personagem feminina representada no mangá com um corpo ciborgue, analisá-la do ponto de vista filosófico implicou na consideração de suas marcações de gênero. Assim, em um terceiro momento, analisou-se a ideia de ciborgue pela ótica da filósofa feminista Donna Haraway, que também trabalha os dualismos, tais como natural e artificial, máquina e organismo, corpo e mente. Por fim, mesmo considerando a obra *The Ghost in The Shell* como uma ficção, ela se torna relevante para entender questões atuais, utilizando a aplicabilidade dele nas narrativas da Major Kusanagi e iniciar uma conversação filosófica a partir de uma história em quadrinhos.

Palavras-Chave: Dualismo corpo e mente, Donna Haraway, Ciborgue, *The Ghost in The Shell*, Mangá.

Abstract: This article is based on the use of Masamune Shirow's *The Ghost in The Shell* manga to study cyborg issues, specifically the character Major Mokoto Kusanagi. At first, we sought to analyze the issue of dualism body and mind and the developments that it raises, such as the idea of Cartesian autonomy. However, considering that our object of study is of a female character, represented in the manga with a cyborg body, analyzing her from a philosophical point of view implies an approach that takes into consideration her gender markings, thus, in a Secondly, the idea of cyborg was analyzed from the perspective of feminist philosopher Donna Haraway, who also works on dualisms, but from the perspective of cyborg writing. Even considering *The Ghost in The Shell* as a fiction, it becomes relevant for understanding current issues, utilizing its applicability in Major Kusanagi's narratives and initiating a philosophical conversation from a comic book.

Keywords: Mind and body dualism, Donna Haraway, Cyborg, The Ghost in the Shell, Manga.

Introdução

A presente artigo se alicerça no uso da história em quadrinhos, o mangá *The Ghost in The Shell*⁹⁷, de Masamune Shirow, para o estudo sobre questões que cercam o ciborgue, mais especificamente na personagem Major Mokoto Kusanagi, que é representada no mangá como sujeito feminino em um mundo ultra-futurista. Nesse sentido, tem como objetivo compreender os pressupostos filosóficos e investigar o dualismo corpo e mente.

Em um primeiro momento, buscamos analisar a questão do dualismo corpo e mente e os desdobramentos que ele suscita. No entanto, ao levar em consideração que nosso objeto de estudo é de uma personagem feminina, representada no mangá com um corpo ciborgue, analisá-la do ponto de vista filosófico implica na possibilidade empoderar⁹⁸ suas ações, no comportamento da própria sociedade e, nesse caso específico, o empoderamento realizar-se-á por meio de vias tecnológicas.

Deste modo, a pesquisa em si versa em uma leitura filosófica sobre os dualismos apresentados pela personagem Major Mokoto Kusanagi, e a relevância de utilizar a metáfora do ciborgue é de explorar e dar continuidade às ideias fundamentadas no primeiro tópico deste artigo, já que a personagem é identificada como uma mulher, ciborgue, e que se insere no meio do trabalho interagindo com seus colegas de trabalho em sua maioria homens.

⁹⁷ É uma obra de ficção Cyberpunk, escrita nos anos de 1989 à 1990 pelo Mangaká Shirow Masamune.

⁹⁸ Quando se pensa na expressão “dar poder”, infere-se uma relação ambígua onde alguém concede algo, e outro, por sua vez, recebe. Neste sentido, o termo empoderamento seria equivalente a “dar poder a”. Então, percebe-se que dentro de um sistema discriminatório no qual existem classes e situações sociais diferentes, as relações de poder são existentes e consistentes, tanto para aqueles que o possuem, quanto para aqueles que não são detentores, mas que o necessitam para que possam de alguma forma ter “voz”, quebrando o silêncio existente para aqueles que precisam falar e ser ouvidos e, assim, receberem o devido reconhecimento social.

Portanto, para compor a análise do mangá, entende-se a importância de falar sobre as ideias desenvolvidas por Donna Haraway⁹⁹, justamente para explicar e expor a metáfora do ciborgue numa perspectiva feminista e que agrupa o entendimento do corpo ciborgue. A partir do pressuposto de que o ciborgue é um corpo político é possível compreender e quebrar barreiras estabelecidas. Apartir do final do século XX, tornando o pensar político uma integração a essa nova política de identidade, de reconhecimento e de categorias do sujeito ciborgue na sociedade.

Para entrar no campo do dualismo corpo e mente, é preciso que entendamos melhor o que é essa autonomia, que, primeiramente, se projeta no pensamento e na consciência do sujeito em relação à sua própria existência, visto que este é um dos pontos que colocam a Major Mokoto Kusanagi como, ao mesmo tempo, resultado de uma tecnologia bélica e um “sujeito” que pensa e convive em sociedade. É possível perceber que a personagem se insere nesse emaranhado de dúvidas sobre a sua existência, o que a leva para uma discussão interna sobre o que é um ciborgue e como ela constitui sua autonomia.

Para René Descartes (1596–1640)¹⁰⁰, o homem é um ser dotado de inteligência, de intelecto, de razão e de vontade, restringindo, nesse sentido, o pensamento e a decisão como característica propriamente humana. Então, a subjetividade humana é caracterizada pela indivisibilidade da razão, ou melhor, pelo fato de nós acessarmos de modo privilegiado apenas nossos próprios estados subjetivos, tais como os nossos pensamentos e as nossas emoções. No entanto, essa característica é mais bem entendida à luz da explicação do seu oposto, pois o corpo material é necessariamente divisível e, nesse sentido, afirmar que de fato cometemos

⁹⁹ Donna Haraway é uma Filósofa com o Doutorado em Biologia celular, professora do Departamento de História da consciência na Universidade da Califórnia, onde ensina Teoria Feminista, Estudo históricos e Culturais e Estudos da Ciência e da Tecnologia, tem sido referência nos estudos sobre a relação entre homem e máquina, suscitando muitos debates e polêmicas nas áreas da Primatologia, Filosofia e Biologia do Desenvolvimento, dentre outras tantas. Suas ideias sobre o sujeito-ciborgue são de extrema importância para desenvolver e entender os dualismos na contemporaneidade.

¹⁰⁰ Descartes influenciou a filosofia moderna e a ciência. Com a separação do corpo e da mente, formulada por ele no início da segunda meditação, chega-se à ideia do *cogito*, pois, mesmo nos momentos em que duvidava sobre o fundamento do conhecimento, conclui que, enquanto duvidava, existia.

erros, não nos torna menos humanos, mas é exatamente porque o ser humano não pode ser caracterizado exclusivamente por causa do seu corpo biológico.

O dualismo na obra *meditações*

Na primeira meditação, Descartes aplica o método da dúvida em relação aos sentidos, colocando, através do ponto de vista metafísico, o afastamento em relação ao corpo, desligando-se das sensações. Para isso, é preciso se abster de todo conhecimento adquirido, desde as suas bases, questionando tudo o que até então fora considerado verdadeiro. Para, enfim, alcançar o conhecimento certo e indubitável. Mesmo os sentidos sendo enganadores, existem coisas que são conhecidas, primeiramente, por eles, e que não se pode duvidar. Como, por exemplo, duvidar da sua própria existência, ou se a minha mão ou minha cabeça de fato existem ou se me constituem enquanto humano, pois nem todo conhecimento parece tão evidente e claro como o saber que quando pensamos, existimos. Nessa primeira meditação Descartes delibera que, justamente, todo o conhecimento que advém da experiência, é uma relação estabelecida por intermédio do corpo. Desse modo, reconhecer que esse corpo é uma substância extensa e material, permite o conhecimento da substância pensante e imaterial que, além de ter pensamentos, dirige as ações, interage com o corpo. Portanto, sobre esses aspectos da dúvida aparecem na seguinte passagem de Descartes no trecho em que ele evidencia que:

Agora, portanto, que meu espírito está livre de todas as preocupações e que consegui o repouso assegurado por uma serena solidão, eu dedicar-me-ei séria e livremente a aniquilar em geral todas minhas antigas opiniões. Ora, para alcançar essa meta não será necessário provar que elas são todas falsas, algo que talvez eu não viesse a findar jamais, mas na medida em que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de dar crédito às coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis do que fazê-lo com respeito àquelas que nos parecem manifestamente falsas, o menor que nos parecem ser falsas, o menor motivo de dúvida que nelas encontrarei bastará para levar-me a rejeição de todas. (DESCARTES, 2016, p.31-32)

O que se estabelece a primeira meditação é que se poderia desenvolver a racionalidade pura, o fato de se afastar da experiência, pois é nesse ato que as ações

são determinadas como sensações do corpo, experiência essa que se torna enganosa. No sentido de distinguir essas duas vertentes que tem como a sensação e a evidência, Descartes cita, por exemplo, o caso dos sonhos que se refere à dúvida que se pode ter ao estar dormindo ou acordado e que em determinados momentos, exige de si, uma sensação que o deixa à margem das incertezas sobre essas duas questões. Neste momento, Descartes está à procura de um critério seguro, que o permita saber com certeza a diferença entre o estar dormindo e o estar acordado.

Porém, a mente não cria coisas inexistentes, ou seja, totalmente independente da experiência. E, mesmo se criasse algo não existente, ainda assim teria características de coisas reais. É o exemplo do pintor, que sempre pinta coisas existentes, mesmo se ele tentasse pintar dragões e unicórnios, essas imagens não seriam reais, porque não existem, mas são construídas com características de coisas existentes.

Segundo Descartes, essa dúvida ocorre pelo fato de ser um fruto concebido através da experiência humana com os sentidos, e se torna enganosa por não ser uma fonte de conhecimento, mas pelo fato de não obter um conhecimento puro e verdadeiro sobre as coisas, de acordo com esse critério epistemológico, o conhecimento certo e seguro seria o guia para a constituição de novos saberes.

A definição de mente em Descartes apresenta alguns significados. Pois, a mente não se define apenas pelo pensamento, mas também através das sensações, do uso da imaginação, dos desejos, das paixões, reunindo fenômenos mentais e emocionais e que se encontram acoplados ao conceito de mente e de alma. Então, já que a mente é povoada por essas ideias, em determinados momentos, a imaginação se torna criativa e confusa. Descartes sintetiza essas informações como algo que surge de outra fonte que não é a da razão pura.

Nesse caso, o exercício da metafísica busca estabelecer um fundamento do conhecimento, mas é através da relação entre o corpo e a mente que é possível obter os fenômenos físicos do homem, uma vez que o próprio corpo não se apresenta como ideia pura, tal como a ideia do *cogito* e de Deus que seria, segundo Descartes,

uma ideia inata. Portanto, a natureza material pertence a esse tipo de conhecimento, como uma coisa extensa, tanto em quantidade e grandeza. Para Descartes, a lei a que esses corpos se submetem é a da física, por expressar-se enquanto extensão.

Na segunda meditação, Descartes conclui que a alma é distinta do corpo com base na possibilidade de se conceber os atos indubitáveis dos quais extrai a existência do eu, sem que seja necessário pensar a partir das propriedades do corpo. No fio que se segue é mais fácil delimitar o que é um corpo, determinando sobre a ocupação de um lugar e tempo, que pode ter como base o tato, o paladar, a audição e até mesmo o olfato, e que pode se mover através de um choque com outras coisas. Mas não é possível dizer que o corpo possa mover-se sozinho, sem contato com outras coisas estranhas a ele, ou que possa pensar.

Mas não posso impedir-me de crer que as coisas corpóreas, cujas imagens se formam mediante meu pensamento e que acontecem de chegar aos sentidos, não sejam mais distintamente conhecidas do que essa parte de mim mesmo que desconheço e que não afeta a imaginação (DESCARTES, 2016, p. 47)

Por esse motivo, a alma pode ser pensada existindo sem o corpo e o corpo sem a alma, sendo possível concluir uma tese mais forte, a saber, de que a alma precise do corpo para existir. Essa conclusão é sugerida pelo fato de Descartes, ainda na segunda meditação, ao procurar caracterizar a natureza do eu, afirmar o que segue:

Com efeito, visto se uma coisa que me é presentemente conhecida, que, ao nos expressarmos propriamente, concebemos os corpos somente pela faculdade do entendimento que está em nós e não pela imaginação nem pelos sentidos, e que não os conhecemos devido ao fato de os vermos, ou devido ao fato de os tocarmos, mas somente devido ao fato de os concebermos pelo pensamento, sei evidentemente que nada há que me seja mais fácil de conhecer do que meu espírito (DESCARTES, 2016, p. 52).

Descartes, ao alcançar a certeza do *cogito* reconhece um atributo essencial: o pensamento. Determina, portanto, em suas meditações que esse atributo não pode ser separado do eu, no caso, o sujeito pensante. Portanto, a clareza que funde esse

pensamento é que, se é essencial, é suficiente para que a coisa da qual a essência precise para existir.

Descartes pode afirmar que nos homens há uma relação necessária entre duas substâncias realmente distintas, sem que isso ponha em risco seu projeto original no qual se compromete tanto com a explicação mecanicista do mundo quanto com a tese de que a complexidade e a liberdade do intelecto humano não podem ser explicadas segundo esse modelo.

A tese Dualista ganha forma em sua última meditação, nesse caso, a sexta meditação, que trata especificamente sobre a distinção entre essas duas substâncias, a mente e o corpo. Destaca-se, então, que Descartes acredita na existência do corpo, pois ele consegue obter o conhecimento através dos sentidos, mesmo que de modo não exclusivo. Isso o leva a entender que certas sensações podem influenciar nos erros. Então é com esse intuito que a sua investigação metafísica passa a querer comprovar se existe mesmo um corpo. Já que se tem os sentidos, para pensar na existência de um corpo, porém, esse fato não pertence a substância pensante, é uma característica que apenas pode ser encontrada na substância extensa. Portanto, o corpo como substância extensa, só existe quando a vontade se conecta aos sentidos.

Digo que concebo facilmente que a imaginação pode ser construída assim se for verdadeiro que haja corpos; e porque não posso encontrar nenhum outro meio para explicar como é construída, minha conjectura a partir disso é que provavelmente há corpos: mas isso é apenas provavelmente, e ainda que eu examine cuidadosamente todas as coisas, não descubro, entretanto, que dessa ideia distinta da natureza corpórea, que tenho em minha imaginação, possa extrair algum argumento cuja conclusão necessária seja a existência de algum corpo. (DESCARTES, 2016, p.106)

Ao extrair essas conclusões, a união substancial entre corpo e mente se tornam mais perceptíveis, porém não deixando de lado que são diferentes em vários aspectos. Como dito antes, a mente é uma substância indivisível, pois ela não é regida por leis físicas e tão pouco concebida pelos sentidos, e sim pelo intelecto. Sobre a substância extensa, que é o corpo, sendo associado à capacidade de movimento, ou seja, é movido pelas leis físicas, é preciso que tenha um espaço, um lugar e uma

forma. A física implica que se passe de uma razão pura para uma razão prática. A grande questão é, por que? E a justificativa disso é o fato de que o homem, enquanto composto, é formado por essas duas substâncias, a extensa e a pensante. Então, para que se conheça o homem não basta saber como funciona o cosmos ou o pensamento puro. É preciso, além disso, compreender que, além de mente, o homem possui um corpo, e é exatamente a partir dessa percepção, a mente pensante do sujeito que possui um corpo, é que emerge a importância da explicação que Descartes oferece sobre a substância extensa, sendo uma explicação totalmente mecanicista, no sentido que abre espaço para ele dizer que essa substância é divisível.

Chega-se ao ponto de dizer que a mente pode existir não necessitando de um corpo, mas o corpo não pode de maneira alguma existir sem a mente, pois, se isso acontecesse, o corpo seria só um objeto, sem poder exercer decisões, vontade e autonomia. Entende-se também que as dores corpóreas se ligam ao cérebro. Porém, Descartes não afirma que, por esse evento existir, que a mente esteja apenas localizada no cérebro, pois ela estaria expressa no corpo inteiro.

Entende-se que essas duas substâncias (extensa e pensante) são existentes o que não é concebido apenas pelos sentidos. A mente é reconhecida pelo *cogita*, ou seja, que existe um ser pensante. Já a existência do corpo é determinada pelos sentidos, mas que ambas (mente e corpo) podem ser concebidas juntas, como ocorre no caso dos seres humanos. No sentido que, a substância sem extensão, como no caso da mente, pode ser considerada independente do corpo. Porém, essa substância que tem como o seu domínio ser extensa, pode permanecer apenas se a mente existir. Portanto, o atributo essencial de cada substância torna-se único. Descartes conclui que o corpo e a alma não podem em momento algum serem concebidos como elementos que ordenem para uma única substância, o que torna o ser humano um composto de corpo e mente.

Não pode emergir pensamento da matéria

Vimos que Descartes defende a ideia de uma natureza humana, pois o pensamento é um elemento que existe apenas no ser humano, é esse quesito que torna possível a diferenciação, ou seja, a distinção entre máquinas e animais. Já que, para o filósofo, os animais não são dotados de pensamento, tal como as máquinas. Com essa concepção faz de Descartes um filósofo essencialista, pois o caminho que é o de definir esse ser que pensa a partir de sua própria natureza. Para o filósofo, o que faz o humano é a capacidade que esse ser tem para exercer o pensamento. A mente é um atributo essencial para o corpo, e é com essas questões que Descartes, por sua vez, elabora as meditações metafísicas como algo que, em sua essência, busca o fundamento de como o pensamento vem a se relacionar com o corpo, que tem como atributo apenas a matéria, ou seja, é apenas um corpo. Essa vinculação mostra-se quando Claudionei Chitolina explica o processo do conhecimento:

No processo do conhecimento, o *cogito* (o eu pensante) não possui acesso imediato às coisas, isto é, a realidade fora do pensamento. As ideias inatas constituem o ato representativo do pensamento, dado que nos sentidos não encontramos a origem nem a fonte do conhecimento, mas apenas um instrumento auxiliar da razão. Por isso, o problema epistêmico que decorre da distinção(separação) das substâncias é equacionado por Descartes por meio do recurso à teoria das ideias inatas (CHITOLINA, 2014, p.57)

Do ponto de vista cartesiano, é uma interação metafísica, pois se determina uma relação entre essências e atributos que apresentam características totalmente opostas. Sabe-se que essa mente é imaterial, e que se é imaterial torna-se indivisível; enquanto os corpos são materiais e, portanto, divisíveis. Ou seja, para Descartes apenas o ser humano contribui para essa composição entre corpo e mente.

Chitolina nos fala sobre uma perspectiva metafísica, considerando uma estrutura reflexiva que Descartes desenvolve, sendo que tal estruturação metafísica pressupõe que existem substâncias que são nada mais nada menos que substratos. Então, para falar sobre a natureza da mente, é preciso entender que nas meditações

metafísicas, Descartes relaciona essas atividades da mente como uma substância pensante e o corpo como substância extensa.

Portanto, Descartes considera a vontade por si só é uma experiência interna, sendo uma comprovação de que o pensar em ter vontade de realizar algo, é uma capacidade de decisão da mente, ou seja, esse ser tem autonomia de escolha e que faz com que ele se torne distinto em relação aos outros corpos materiais. Seguindo este fio condutor para entender o dualismo cartesiano, mantém-se a oposição em relação aos corpos materiais e que o funcionamento da mente se distancia do funcionamento do próprio corpo.

Para Chitolina, a ideia do corpo biológico é levada pelo processo do corpo ser sempre gerenciada pela capacidade de movimentar-se, e isso torna possível a permanência do corpo vivo, como explicação mecânica das coisas. E, partindo desse ponto de vista, Descartes faz pensar que o dualismo substancial seja sempre um composto, mas essa explicação do corpo ser mecânico já não pode sofrer essa configuração com a mente e é por isso que ocorre essa investigação metafísica, justamente para saber onde essa natureza da mente se concentra.

A teoria cartesiana da mente está intrinsecamente ligada à metafísica. É a partir do experimento metafísico que é possível determinar a natureza da mente. A descoberta do cogito é nesse sentido, a descoberta de suas faculdades. Ou seja, não é a partir da investigação do funcionamento do corpo que o filósofo vai inferir a existência da mente; ao contrário, a partir da recusa dos sentidos é possível encontrar algo anterior e inteiramente distinto do corpo, a sua mente (CHITOLINA, 2014, p. 68).

A mente, nesse sentido, dificulta o processo para uma boa compreensão, pois ela está intrinsecamente agregada ao corpo. Sabe-se que o corpo é dotado de atributos distintos. Trazendo ao sujeito cartesiano, uma unidade especificamente interna, que acaba gerando a sua individualidade como sujeito pensante indivisível. Então, quando é afirmado que os corpos são divisíveis, a aplicação dos corpos materiais, funcionam apenas com as leis de movimento, dando a entender que a matéria extensa não possui próprio movimento.

Esse movimento que acontece com o contato entre os corpos, faz com que uma ação imprima outra reação. Por exemplo, uma barra de ferro, só sai do lugar se outro corpo a movimentar e essa característica não exprime o mesmo sentido de movimento quando se fala em autonomia do corpo humano. Sendo assim, um objeto extenso nunca irá se mover por sua própria vontade, não deixando uma abertura para uma relação interna e sim um ato inteiramente provocado externamente. Por isso, esse fenômeno mecânico pode ser explicado inteiramente pela física.

Desta maneira, mesmo que se tenha um incômodo sobre essas relações entre corpos, abre-se a questão dos autômatos, que são máquinas que não apresentam pensamento, mas são capazes de copiar os movimentos mecânicos dos corpos humanos. Esse elemento se diferencia, pois é exatamente o que Descartes desenvolve na tese dualista, a incapacidade dessa máquina exercer a linguagem. Nesse caso, apenas o construtor ou programador da máquina poderia impor a sua vontade na construção e na programação do movimento, visto que essa máquina seria criada com o propósito de o receptor mover-se segundo algum movimento externo.

O autômato, na concepção cartesiana, é capaz de reproduzir movimentos, transitar para algum tipo de ação que o ser humano é capaz de realizar. O autômato, mesmo aquele muito desenvolvido, realiza, na perspectiva de Descartes, uma simulação. Ou seja, ele possui mecanismos que imitam o movimento que temos em nossos corpos. Neste caso, os movimentos não se tornam livres, o autômato é construído por alguém e na própria construção já se designa um movimento que aquela máquina artificial realizará. Portanto, a razão de a máquina se mover não está implícita nela própria e sim na construção ou na programação.

Podemos delimitar esse pensamento, confrontando com questões contemporâneas, os computadores desenvolvidos e dotados de inteligência, não são capazes de pensar, ou emitir opinião, mas apenas simular determinadas operações,

para as quais são designados. A tecnologia presente é incapaz de produzir inteligência partindo, portanto, de uma construção e de uma base que é essencialmente mecânica.

A investigação que Descartes propõe é metafísica porque o sujeito epistêmico está exercendo essa função de pensar, sobre a sua própria existência no mundo, como um ser que existe e que é um composto, e que tem por obrigação compreender a sua ontologia. Fazendo isso, o conhecimento é basilar para instigar essa proposta metafísica.

Contudo, é só com esse sujeito epistêmico é que é possível entender que tanto movimento e a figura são características próprias da matéria. E que a mente por ser independente do corpo em suas funções, revela justamente a sua natureza própria. Por fim, o ser humano não é apenas um corpo extenso, mas sim a capacidade de percepção para entender o que é a mente, e que ela não pode ser separada do corpo, pois é impossível falar apenas da mente sem pensar que ela está ligada no composto humano.

O ciborgue

O ciborgue é o sujeito central da nossa pesquisa, pois é nele que toda a discussão cartesiana adentra em um contexto de dualidade desenvolvida pela personagem em questão. Além disso oferece um contexto ultra contemporâneo em função de a Major Makoto Kusanagi apresentar um corpo ciborgue e por se entender como mulher. Donna Haraway é a chave para fazer essa intersecção de fronteiras do conhecimento, justamente por seu estudo da metáfora do ciborgue, sendo ela uma feminista ciborgue, que critica vertentes do feminismo em suas bases.

Haraway, nesse sentido, estabelece uma situação de crise, que é uma crise política, uma crise econômica sobre o capitalismo e, portanto, uma crise de identidade. Ela também diz a possibilidade da emergência de novas identidades, de um novo ser humano a partir de uma situação, que parte da complexidade do sujeito contemporâneo.

Logo, Haraway transita de um estado e de uma perspectiva humana em um processo de artificialização e caminha para a própria distinção entre o natural e o artificial, que é vista através da figura do ciborgue. A própria diferença entre animal e máquina, que, por exemplo, Descartes estabelece uma diferença entre ser autômato e o que é ser humano, na perspectiva da Haraway, encontra-se borrada, pois é o fato de essas fronteiras estarem borradadas que potencializa toda a transformação.

As corrosivas ferramentas da teoria pós-modernista e as construtivas ferramentas do discurso ontológico sobre sujeitos revolucionários parecem constituir aliados irônicos na dissolução dos eus ocidentais, uma dissolução que se dá no interesse da sobrevivência. Estamos dolorosamente conscientes do que significa ter um corpo historicamente constituído. Mas com a perda da inocência sobre nossa origem, tampouco existe qualquer expulsão do Jardim do Éden. Nossa política perde o consolo da culpa juntamente com a *naiveté* da inocência. (HARAWAY, 2009, p. 51)

Na construção da identidade epistemológica, de alguma forma, as mulheres constroem a inocência, no sentido de ser histórico-crítica. Então quando é falado do conto do jardim do Éden a percepção que se tem é de uma identidade construída através desses contos, como se essa inocência pudesse ser desconstruída através desse novo olhar do que é ser mulher, visando que as bases dessa concepção de inocência se encaixem no meio da construção cristã. Para este fim, elabora-se o mito político do ciborgue, já que toda essa desconstrução começa a ter suas vertigens na pós-modernidade.

As feministas-ciborgue têm que argumentar que “nós” não queremos mais nenhuma matriz identitária natural e que nenhuma construção é uma totalidade. A inocência, bem como a consequente insistência na condição de vítima como a única base para a compreensão e a análise, já causou suficientes estragos. (HARAWAY, 2009, p.52)

As feministas ciborgues, não precisam de algo para poder se auto identificar. Na origem, não há como, de fato, haver uma expressão de gênero nisso que estamos chamando de ciborgue. A representação físico-corpórea de ciborgue, não tem uma implicação clara, porque constrói esse ciborgue de uma perspectiva e de uma representação de gênero masculino e feminino.

Do ponto de vista da ideia que é desenvolvida, o ciborgue é neutro em relação ao gênero. Embora em teoria, o ciborgue seja neutro, na prática, quando se tem a construção contemplativa de um robô, androides, ciborgues etc. o que acaba acontecendo é, justamente, a expressão de gênero nesses seres.

Então, é daí que se conclui que a forma que segundo a qual se constrói essas máquinas que expressam gênero, o que caminha para outra classificação, a de *gnoid* como expressão feminina e de *android* com expressão masculina.

No conceito da própria Haraway, esse ser que ao mesmo tempo é um ser e uma metáfora, é neutro em relação à categoria de gênero. A metáfora, no entanto, significa uma desconstrução e uma reconstrução, na separação e na junção das partes, na medida que se realiza essa fusão entre o orgânico e o inorgânico, entre o natural e o artificial, entre algo que não tem interferência humana e algo que é construído pela interferência humana utilizando certos elementos naturais. Haraway constrói esse conceito e essa metáfora do ciborgue de uma maneira tão ampla que, ao incluir o sujeito, essa caracterização ampla também nos leva a pensar na inclusão de tecnologias comparativamente mais simples, como os óculos.

Ao falar do ciborgue, Haraway mostra o processo de ponta, o sujeito ciborgue teria a sua disposição toda uma escala de alteração que o homem pode fazer na natureza como também em si próprio. O ciborgue é tanto uma expressão da nossa individualidade como um corpo político e, é importante perceber, que Haraway nunca estabelece apenas um conceito, sempre vai existir essa transição de um conceito para o outro.

A metáfora do ciborgue na literatura

Através da escrita *high tech*, ou seja, de histórias que se referem ao corpo ciborgue, que permanece na fronteira entre o corpo e a máquina, e, para Haraway, essas fronteiras não são fronteiras nítidas como parecem ser. Logo, a perspectiva que se observa dessa metáfora do ciborgue interage com a questão dos dualismos. Torna-se difícil buscar uma unidade para essas tensões próprias do dualismo, porque

o ciborgue permanece sempre na linha tênue de ter um corpo biológico, que o faz ter dor, sono, e ao mesmo tempo uma mente, que, de certa maneira, faz um esforço, compreensivo e simbólico, sobre questões teóricas que aparecem cotidianamente. Na verdade, o sujeito contemporâneo, no sentido de ser humano, estaria, então, diante da metáfora do ciborgue, exatamente porque ele não se vê mais de uma forma monolítica e sim de uma forma híbrida, fundindo-se cada vez mais com a tecnologia.

Essa fusão, não é apenas uma fusão entre o biológico e o humano. Nesse sentido, esta fusão estaria relacionada também aos animais, que também apresentam corpos biológicos, mas não apenas isso: eles também configuram um misto entre o natural, do qual os seres humanos fazem parte, assim como os animais e as plantas, e o artificial, que é aquilo que o ser humano cria a partir do natural, deixando de ser completamente natural, porque já se exerceu um trabalho humano. Então a máquina, de certa maneira, está entre uma matéria prima natural e algo que depende exclusivamente do intelecto humano.

É por isso que, quando é falado da metáfora do ciborgue na literatura, o ciborgue é entendido como uma identidade política, porque, ao mesmo tempo em que a literatura está baseada em certa medida nos dias atuais, ela cria uma ficção. Deste modo, ela também vai se mostrar como uma realidade, exatamente por causa da tensão entre os dualismos que enfrentamos contemporaneamente.

A escrita-ciborgue não tem a ver com a Queda, com a fantasia de uma totalidade que, “era-uma-vez”, existia antes da linguagem, antes da escrita, antes do Homem. A escrita-ciborgue tem a ver com o poder de sobreviver, não com base em uma inocência original, mas com base na tomada de posse dos mesmos instrumentos para marcar o mundo que as marcou como outras.(HARAWAY, 2009, p.86)

Para Haraway, ao mesmo tempo em que a internet possibilita a comunicação a distância, o sujeito está constantemente sendo vigiado por uma série de empresas, que em alguns casos, dependendo de certos objetos de interesse. A utilização dessa ferramenta de comunicação acaba se revelando como uma forma de controle, sobre as coisas que esse sujeito gosta e pesquisa. Então essa fronteira de imaginar que a

tecnologia vem sendo criada para melhora da vida humana é uma visão inocente efetivamente da qual está sendo vivenciado hoje.

Logo, Haraway afirma que a escrita ciborgue, que estaria representada por todas essas escritas que, de certa maneira, procuram falar da metáfora do ciborgue, permanecem nessa fronteira borrada entre a ficção e a realidade, que tem a ver com poder de sobreviver. Todas as vezes em que se envolvem questões de tecnologia, o sujeito vincula-se a questão de poder, aproximando certos grupos sociais de interesse. Essa imagem que está descrita em diferentes literaturas ciborgue, como por exemplo, *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* de Philip K. Dick como se fosse uma subcategoria literária.

De um modo geral, o gênero literário da ficção científica se ramifica, de acordo com o conteúdo específico que se está trabalhando. Então, exige-se que sua escrita seja original, exatamente porque já pressentimos que as máquinas não servem apenas para o benefício do ser humano, mas podem potencializar a emancipação humana, imaginando a possibilidade de a tecnologia nos livrar daquelas falhas e fadigas físicas próprias do trabalho, embora a tecnologia nos dias atuais tenha outros objetivos além desse. Necessariamente, não se deve ter um olhar para a tecnologia com um olhar inocente.

A política do ciborgue é a luta pela linguagem, é a luta contra a comunicação perfeita, contra o código único que traduz todo significado de forma perfeita – o dogma central do falogocentrismo. É por isso que a política do ciborgue insiste no ruído e advoga a poluição, tirando prazer das ilegítimas fusões entre animal e máquina. (HARAWAY, 2009, p.88)

Quando ocorre a conexão do sujeito com as redes de comunicação, esta comunicação liberta, abrindo o caminho pretensamente para o exercício da liberdade de escolha, ou seja, para esse sujeito realiza o poder de escolher o que ele quiser ser diferenciado do corpo físico ao qual se apresenta.

Haraway, nos diz que ““Nós’ não escolhemos, originalmente, ser ciborgues” (2009), o “nós”, dito pela Haraway, é direcionado aos contemporâneos. Nessa afirmação, a autora está pressupondo que não se tem uma essência humana e que o

sujeito foi lançado ao mundo com cada vez mais tecnologia da informação, e isso faz com que ele não tenha escolhido ser ciborgue. Mas, de certa maneira, as condições gerais em que esse sujeito vive obrigam a lidar com essa questão: quem pode ficar à margem da revolução da informação? Estar à margem, neste sentido, significa, entre outras coisas, ser afastado desse processo, pois o processo de informatização é considerado central e importante para a civilização atual. Considerando a partir do ponto de vista que a Haraway está falando, como mulher estadunidense, cientista:

Certos dualismos têm sido persistentes nas tradições ocidentais; eles têm sido essenciais à lógica e à prática da dominação sobre as mulheres, as pessoas de cor, a natureza, os trabalhadores, os animais – em suma, a dominação de todos aqueles que foram constituídos como outros e cuja tarefa consiste em espelhar o eu [dominante]. Estes são os mais importantes desses problemáticos dualismos: eu/outro, mente/corpo, cultura/natureza, macho/fêmea, civilizado/primitivo, realidade/aparência, todo/parte, agente/instrumento, o que faz/o que é feito, ativo/passivo, certo/errado, verdade/ilusão, total/parcial, Deus/homem. (HARAWAY, 2009, p.90)

Esses dualismos epistemológicos provocam o processo de dominação, do mesmo modo que já provocaram outros processos. Talvez esse processo atual seja mais complexo, exatamente pela questão de ter uma quantidade de informação maior, sofrendo com a perda da inocência original, como no caso da concepção de ser humano essencialista, que pressupõe o universalismo. Contrário senso a mesma concepção de uma natureza humana única e universal realizou a dominação de alguns, que são tratados de formas diferentes. Basta pensarmos nas relações estabelecidas entre os povos colonizadores e colonizadas, marcantes na história do Brasil e de outros países da América Central e do Sul.

Análise do mangá

1. A autonomia do corpo ciborgue

O mangá *The Ghost in the Shell* influenciou a cultura *Cyberpunk*¹⁰¹, colocando em seus diálogos uma visão tanto filosófica quanto futurista em relação às características humanas. No rompante em que se via a alta tecnologia proliferar no ambiente das redes eletrônicas, começou a discutir novos termos como codificação e micromaqinação¹⁰². O mangá usufrui de uma linguagem própria e que tornam suas bases ricas em informação ao leitor com a utilização de notas de rodapés, técnica esta que o *mangaká* utiliza para representar seu universo ficcional como uma extensão da tecnologia presente.

A história se passa em um universo distópico¹⁰³ de 2029, entre as barreiras que separam esse mundo natural do artificial. E, com a união destes mundos, o controle da tecnologia sofre uma fragilização, precisando lidar com a proliferação dos crimes cibernéticos, equivalentes aos dias atuais aos crimes de ciberterrorismo¹⁰⁴. Assim, a fronteira que separa máquinas de homens, torna-se mais estreita do que se

¹⁰¹ Segundo Edgar Roberto Kirchof e Alessandra da Rosa Trindade Camilo, define a Cultura Cyberpunk como o “Alinhado com essa tradição literária de ficção científica, surge, na década de 1980 do Século XX, um gênero cultural e literário denominado cyberpunk, termo originado da junção entre as palavras cibernética e punk. A palavra foi adotada primeiramente pelo escritor Bruce Bethke, na década de 1940 do Século XX, para definir um subgênero literário de ficção científica, e logo foi incorporada por uma série de outros autores.” v. 10 - n. 2 - p. 277. 2014.

¹⁰² São máquinas que seriam fabricadas em escala microscópica, ou seja, não são máquinas simplesmente pequenas, em uma escala do ponto de vista da física essas leis naturais para a fabricação dessas micromáquinas teriam outro significado.

¹⁰³ Segundo Hilário, no século XVI pariu a ideia de utopia, e o século XX engendrou a distopia. As utopias buscam a emancipação ao visualizar um mundo baseado em ideias novas, negligenciadas ou rejeitadas. Sua confiança no futuro é o fundamento normativo que lhe garante eficácia ideológica. As distopias, por sua vez, buscam o assombro, ao acentuar tendências contemporâneas que ameaçam a liberdade. O objetivo das distopias é analisar as sombras produzidas pelas luzes utópicas, as quais iluminam completamente o presente na mesma medida em que ofusciam o futuro. Elas não possuem um fundamento normativo, mas detêm um horizonte ético-político que lhes permite produzir efeitos de análise sobre a sociedade. As distopias ou as utopias negativas “expressam o sentimento de impotência e desesperança do homem moderno assim como as utopias antigas expressavam o sentimento de autoconfiança e esperança do homem pós medieval” (HILÁRIO, 2013, p. 205)

¹⁰⁴ Segundo Chagas, o ciberterrorismo teve início dos anos 1990, com diálogos voltados sobre a sociedade da informação, que provocaram vários estudos sobre o risco do aumento da conectividade em rede. Sendo assim, o aumento da tecnologia e a independência por via da mesma deram ao terrorismo o acesso e novas possibilidades de utilizar esse recurso. Portanto, entende-se o ciberterrorismo ou o uso do ciberespaço, como um campo que tem o objetivo de aterrorizar através de ataques que possam causar destruição, ou distorção deliberada de dados digitais e fluxos de informação, por motivos religiosos, políticos e ideológicos. (CHAGAS, 2012, p. 28-29)

pensa atualmente. Esses crimes acabam entrando para a lista dos piores crimes a cometer contra a nação.

A tradução para o Português do título do mangá, ou seja, “o fantasma na concha”, mostra o dualismo proposto por Descartes. A personagem representada pela Major Kusanagi vive em uma concha ou receptáculo que é um corpo ciborgue revestido por maquinaria sofisticada e que tem como função proteger seu cérebro, ou melhor, sua alma ou *ghost*. Essa base, o fantasma, torna-se fundamental para dialogar com a questão cartesiana do sujeito como um ser que pensa e que, ao mesmo tempo, ultrapassa a barreira de compreensão da separação de corpo e alma, sabendo que essa distinção não ocorre apenas em função do pensamento, mas, segundo a perspectiva cartesiana, haveria uma cisão entre corpo e alma, já que elas são substâncias completas, cujos atributos principais se auto-excluem.

A autonomia da razão provém de uma releitura e fundamento trabalhada por Descartes, em seu entendimento empírico, por via de uma investigação que inicia pelo campo metafísico. Ao utilizar o método da dúvida metódica, Descartes, visa responder questões tais como o que constitui o processo decisório de um sujeito autônomo. Deste modo, quando utilizamos a tese de Descartes, estamos na margem tanto de defendê-lo ou tecer críticas sobre o seu trabalho. Tal como é o caso do livro do especialista Claudionei Chitolina (2013), no qual se mostra evidente a preocupação de Descartes para a fundamentação do corpo e mente,

[...] a autonomia é o fruto da busca individual, do esforço de pensar em pensar por si mesmo, o que significa recomeçar a filosofia desde os fundamentos. A filosofia é o exercício crítico da razão; tal exercício impõe ao sujeito pensante uma reforma ao pensamento, condição para o aprendizado da verdadeira filosofia (CHITOLINA, 2013, p. 13)

Ao estabelecer este exercício crítico da razão, podemos estabelecer o referencial teórico necessário para a análise do mangá, já que tanto Chitolina, quanto Descartes, estão abrindo a oportunidade para a discussão dessa autonomia que a Major apresenta ao demonstrar traços de uma mente humana mesmo que o seu corpo esteja revestido por elementos de tecnologia que o modificam, oferecendo

margem para a caracterização do ser humano produzido, para além, portanto, da sua constituição natural.

Assim, quando a Major Kusanagi exerce suas capacidades de sujeito pensante, por exemplo, ao tomar decisões sobre a fusão do seu cérebro a uma criatura de inteligência artificial, chamado “mestres dos fantoches”, relação essa que pode ser encontrada no capítulo 11 do mangá, intitulada “Praia dos Fantasmas”. O diálogo travado por esses dois personagens é, exatamente, sobre esses dualismos, para ultrapassar obstáculos que, ao mesmo tempo, desfazem a influência que influi negativamente no seu ser, fazendo com que a Major coloque em prática a autonomia da razão. Neste sentido, ela apresenta um envolvimento com a dúvida metódica que se torna, por sua vez, um exercício de reflexão racional que a leva, mesmo adquirindo um corpo totalmente mecânico, a utilizar sua razão, constituída pelo exercício de pensar, à produção de suas dúvidas e pensamentos.

Existem, assim, certas características que nos permitem classificar a Major Makoto Kusanagi como um sujeito que não apenas obtém um corpo mecânico, como podemos observar no capítulo 5 do mangá *The Ghost In the Shell*. O mangaká Shirow Masamune descreve, em linhas gerais, no que consiste a fabricação de um corpo ciborgue, e evidência em uma nota de rodapé todas as características para visualizar essa separação, já que:

Ciborgues são seres humanos modificados, total ou parcialmente, com órgãos artificiais. Existem muitos mecanismos no corpo que nem fazemos ideia de como reproduzir artificialmente, por exemplo o sistema endócrino e linfático, baço, medula, entre outros. Portanto, é duvidoso se, um dia, chegarmos a esse grau de totalidade na mecanização de ciborgues. (SHIROW, 2016, p.97)

Nesse contexto entendemos que a Major é um sujeito que adquire todas essas características, mas se distingue quando faz o uso de um cérebro tratada por eles como *Alma*¹⁰⁵. No capítulo posterior (capítulo 6, a “Dança dos robôs”), existe mais uma comprovação que a Major se aplica no contexto que Descartes descreve sobre

¹⁰⁵ No mangá entende-se como alma o cérebro do ciborgue, ou seja, a mente, o que se diferencia do termo utilizado por Descartes, na narrativa cartesiana alma (mente) é uma substância que independe de uma segunda substância para existir, Descartes não só conclui que substâncias diferenciam, como também podem existir separadamente.

a autonomia da razão, quando o *mangaká* se refere a questão de que “os robôs não sorriem voluntariamente, eles sorriem porque são programados para isso. Algumas pessoas também” (2016, p.103). A partir desta citação, entende-se que, no limite desse raciocínio mesmo os computadores contemporâneos não seriam capazes de pensar, mas apenas de imitar e simular certas operações. A tecnologia é incapaz de produzir inteligência partindo, portanto, de uma construção e de uma base que é essencialmente mecânica. A investigação metafísica que Descartes faz, implica o reconhecimento intuitivo desse sujeito epistêmico, que encontra-se pensando, sobre a sua própria situação de composto, o mesmo tempo se pensa que se tem um corpo, o que esse ser é, afinal de contas? Partindo desse viés, esse conhecimento será a base do conhecimento obtido, levando em consideração que esse ser é o sujeito epistêmico, e que é necessário avançar em termos de conhecimento, a partir desse sujeito epistêmico reconhecer, portanto, que movimento e figura são características próprias da matéria, a mente por exercer suas funções relativamente independente em relação ao corpo que demonstra, justamente, a sua natureza. Isso quer dizer que o ser não é apenas um corpo extenso, mas nos permite considerar o corpo extenso, esta realidade material, que é distinta, mas que, tanto no caso dos seres humanos, quanto do ciborgue, teria que ser elaborado em paralelo com a mente. Nesse quesito, a Major é um sujeito racional e que se distingue de corpos mecânicos inteiramente programados. Sendo assim, é a mente que distingue a autonomia da Major, diante dos seus atos, passamos a entender que ela é um sujeito provido de essência, pois, é importante ressaltar que o sujeito pensante não é aquele se desenvolve apenas pela habilidade do corpo, mas sim pelas suas faculdades desenvolvidas no que Descartes chama de mente, que realiza a imaginação, o pensamento, a sensação.

2. O ciborgue em *The Ghost in The Shell*

Donna Haraway(2009), em seu texto *Manifesto ciborgue*, transita a todo momento entre os dualismos. A filósofa considera que o ciborgue é uma espécie de metáfora do sujeito contemporâneo, um sujeito que convive com uma teoria da

informação, com a tecnologia da comunicação e, ao mesmo tempo, é um sujeito que lida com a biotecnologia. Logo, a grande questão para Haraway, é o feminismo enquanto abordagem crítica e epistemológica, e que, em certos momentos, transita entre elementos que não são apenas o de gênero, mas se refere a outros marcadores sócio históricos como os de classe, de raça. Mas como esses elementos interagem? Conforme esse questionamento, podemos supor que o manifesto é escrito no intuito de renovar a própria teoria feminista, sabendo que esse sujeito contemporâneo está caminhando em direção para uma nova metáfora, que, segundo Haraway, seria a metáfora do ciborgue. A definição de ciborgue para ela é exatamente como segue:

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. (HARAWAY, 2009, p. 36)

Para a filósofa, falar desses dualismos mostra que, de certa maneira, a sociedade contemporânea se inter-relaciona e reelabora a informação, o ciborgue seria, então, um híbrido. Ou seja, ele faz parte de um dos polos dos diferentes dualismos (ativo – passivo, macho – fêmea, controlador – controlado), algo simbólico, mas que, ao mesmo tempo, representa uma realidade histórica e material do pensamento contemporâneo.

Em *The Ghost in The Shell*, o ciborgue é corporificado pela personagem da Major, pois ela consegue exprimir em suas ações esses dualismos sobre os quais Haraway está falando em seu manifesto. A Major é um híbrido e, ao mesmo tempo, um sujeito social. Logo, a importância do seu sujeito ativo na sociedade, de certa maneira, a faz transitar de sua experiência individual para uma construção política.

A análise desse mangá se dá por níveis. Pois, não apenas trata de uma abordagem epistemológica sobre o que significa desse sujeito ciborgue contemporâneo. Mas, ao enxergar a partir de uma visão feminista, a história em quadrinhos em questão também contribui, direta ou indiretamente, para o estudo e a percepção sobre esse sujeito contemporâneo, que pode ser incluído ou excluído da

relação entre classes, perpassando tanto por uma abordagem epistemológica, quanto por um viés político.

A importância do manifesto de Donna Haraway é exatamente que, na transição entre os dualismos, sua tese se insere na sociedade da informação, tornando primordial o fluxo de informações. Na medida em que Haraway transita entre um dualismo ao outro, ou seja, entre os níveis da experiência individual e da experiência política, ela mostra que, na verdade, a caracterização de apenas um lado desse dualismo, torna uma abordagem unilateral e, então, é através desse jogo de informações que estabelece uma sociedade altamente complexa, devido ao grande fluxo e refluxo de informações.

Entender essa fusão entre a máquina e o ser humano, representada também no ciborgue, que Haraway define como “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (HARAWAY, 2009, p. 36), é estabelecer essa função, enquanto o avanço da tecnologia traz uma relação imbricada na vivência cotidiana da humanidade, desde a formação do mundo tecnologicamente informado. A população cibertecnológica da história em quadrinhos de *The Ghost in The Shell* apresenta essa relação que Haraway pensa sobre a tecnologia que movimenta os setores ético, político e humanitário, oferecendo uma nova construção na forma de pensar. Em uma entrevista concedida à Kunzru, afirma-se que:

O mundo de Haraway é um mundo de redes entrelaçadas – redes que são em parte humanas, em parte máquinas; complexos híbridos de carne e metal que jogam conceitos como “natural” e “artificial” para a lata do lixo. Essas redes híbridas são os ciborgues e eles não se limitam a estar à nossa volta – eles nos incorporam. Uma linha automatizada de produção em uma fábrica, uma rede de computadores em um escritório, os dançarinos em um clube, luzes, sistemas de som – todos são construções ciborguianas de pessoas e máquinas. (KUNZRU, 2009, p. 24)

Logo, esse ciborgue descrito por Haraway já faz parte da vivência humana, o que pode parecer um tanto assustador, mesmo que a cada dia a tecnologia evolua com uma rapidez incomparável. E são esses os processos que fazem com que se

repense o que seria essa natureza humana, na qual a subjetividade pode se perder, para depois se reencontrar, a partir destas ruínas existenciais do mundo moderno/contemporâneo. Esse processo evolutivo que teve início na modernidade promove uma tensão, levando-nos à questão: até que ponto o sujeito é humano e a partir de que ponto começa a sua jornada como máquina? Assim como Descartes provoca a reflexão sobre problemas ontológicos inaugurando o dualismo desse sujeito como o "eu pensante", o avanço da tecnologia ciborgue modifica e coloca novamente em xeque o estudo sobre o sujeito contemporâneo, tornando necessário refletir sobre a condição humana.

Ainda assim, o ciborgue definido por Haraway é aquele que restaura e substitui membros do corpo humano que foram perdidos, coloca esse ser que depende da tecnologia em um padrão de normalidade entre os demais, mesmo essas máquinas surjam com o intuito de superação do humano, de torná-lo melhor e tais melhorias, se possível, acessíveis para a todos. Ao querer introduzir essa máquina na sociedade, é preciso que ocorra a ligação entre máquinas e humanos, para subjetivar esse sujeito e formar esse corpo ciborgue.

Esse ciborgue de Haraway está presente na Major Mokoto Kusanagi que, por sua vez, é um ser que tem o corpo revestido de maquinário e que detém de um cérebro que é ligado a um corpo tão complexo quanto o de um humano, embora o corpo ciborgue seja o resultado da engenharia humana.

Contudo, o mundo da Major Mokoto Kusanagi é um mundo em que não pode existir sem a tecnologia: a tecnologia não apenas existe, mas é impossível viver sem ela. E é essa conexão que torna humanos/máquinas unidos, tornando o ser humano um ciborgue. Por isso, esse ciborgue personificado pela Major Mokoto Kusanagi se empodera ao dizer que não precisa de métodos normativos para sua reprodução, ou seja, a Major é a ciborgue que não precisa seguir um padrão, uma vida comum para estar inserida na sociedade, e essa quebra de paradigmas é que forma sua personalidade.

Considerações finais

Em nossa análise procuramos sintetizar n pensamento artigo, o pensamento cartesiano e a intersecção de Donna Haraway, filósofa feminista, sobre a construção desse corpo ciborgue, com o intuito de definir o ciborgue como um sujeito contemporâneo, que traz em suas bases questões de dualidades, que se estabelece nesse ser. A ideia foi aproximar, sobretudo, o dualismo corpo e mente na perspectiva de Descartes e as dualidades apresentadas por Haraway no seu manifesto ciborgue na análise da história em quadrinhos *The Ghost in Shell*.

A leitura sobre o ciborgue esclareceu, em uma perspectiva materialista, a fala de existência, a partir de uma relação que rejeita a inocência, isso quer dizer, que todas as relações sociais, são relações de poder. A autonomia existe de fato, mas, ao mesmo tempo é uma ilusão, na medida em que todos são ativos e passivos no estabelecimento de relações de poder. Quando Haraway nos fala de organismos ciborgues, isso quer dizer que eles são organismos sociais e, nesta interação, ocorre o envolvimento em uma “dialética de apocalipse”, que se assemelha ao estado de guerra, pois trata-se sempre do desenvolvimento de relações de poder, entre o estar dominando e o estar sendo dominado.

As leituras cartesianas abrem as portas para um leque de possibilidades para entender a existência humana. A partir do modelo de corpo, o homem se utiliza de um modelo mecânico para retratar a si mesmo em seus movimentos de sentir, pular, chorar etc. Para Descartes, os homens são dotados de razão. Portanto, a razão se iguala a todos os homens, o que diferencia no desenvolvimento de cada um é o método utilizado no processo. Obtivemos também respostas sobre a imaterialidade da mente, o que justifica que a mesma se encontre ligada diretamente à metafísica, determinado por Descartes que esse processo de distinção entre o corpo e a mente perpassa a descoberta do *cogito*, pois o mesmo interfere sobre a existência da mente.

Esse artigo teve como objetivo analisar o dualismo cartesiano corpo e mente propostos por Descartes em sua obra *Meditações Metafísicas* para fundamentar a união

do sujeito contemporâneo com a tecnologia, especificamente na fusão entre homem (ou mulher) e máquina. Bem como analisar como esse o corpo ciborgue está imbricado nas vivências diárias do ser humano com a tecnologia. Mesmo considerando a obra *The Ghost in The Shell* como uma ficção, ela se torna relevante para entender questões atuais, utilizando a aplicabilidade dele nas narrativas da Major Kusanagi e iniciar uma conversação filosófica a partir de uma história em quadrinhos. Visto que, *The Ghost in the Shell* trata-se de uma história ficcional em quadrinhos de origem japonesa, em outras palavras, o chamado “mangá” e é por esse fio condutor que a pesquisa se guiou.

Logo, o problema corpo-mente é algo recorrente no mangá, o que tornou possível identificar que o quadrinho se encontra além do que se pensa sobre a razão em Descartes. Assim, ao voltar a meditação metafísica para Major Mokoto Kusanagi que, mesmo revestida por um corpo totalmente mecânico e exercendo uma atividade racional que é pensar sobre a sua existência, ela apresenta devaneios não lógicos e percebe o mundo em sua volta. A partir disso podemos concluir que os fenômenos psicológicos que a constituem não geram apenas a consciência de si, mas que a mesma obtém a liberdade de pensar e agir.

Portanto, o artigo utilizou esse arcabouço teórico justamente para enfatizar a importância que Donna Haraway carrega ao acoplar a gama de conhecimento sobre os dualismos, pois ela explicita um labirinto que nos conforma enquanto sujeitos contemporâneos. Assim, a percepção da metáfora do ciborgue, surge como uma saída possível para essas dualidades classificadas, torna-se um desiderato para o sujeito na sociedade, exatamente porque o ciborgue permite a interação dessas múltiplas linguagens, individual e social.

Finalmente, a personagem Major Mokoto Kusanagi é a própria personificação do dualismo cartesiano na contemporaneidade, pelo fato de ela carregar esse aparato de tecnologia que a permite exercer o pensamento e a autonomia sobre si, e com a ajuda da escrita ciborgue é possível realizar essa

interação não só ficcional, como no campo metafísico e nas vivências diárias do sujeito contemporâneo.

* * *

REFERÊNCIAS

CHAGAS, Morgana Santos das. **Ciberterrorismo: possibilidades da expansão do terror nas relações internacionais**. Ed. CDD 327.810960: João Pessoa, 2012.

CHITOLINA, C. L. **Razão e método em Descartes: a unidade da ciência**. 1^a ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

_____. **Mentes e máquinas: o retorno de Descartes?** 1^a. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

_____. Mente, pensamento e consciência em Descartes. In: **CHITOLINA, C. L;**

PINTO, Rodrigo Hayasi; PEREIRA, José Aparecido (org.). **Mente, cérebro econsciênciia: um confronto entre filosofia e ciência**. 1ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 18, n.2, p. 201-215, out. 2013. ISSN 2175-7917. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/27842>>. Acesso em: 04 dez. 2019. doi: <https://doi.org/10.5007/2175-7917.2013v18n2p201>.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. 2^a. Ed. São Paulo: Edipro, 2016.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KIRCHOFF, Edgar Roberto; CAMILO, Alessandra da Rosa Trindade. O cyberpunk: dos livros para as telas. Uma análise do filme Johnny Mnemonic O ciborgue do futuro. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 10 - n. 2 - p. 274-288.

MASAMUNE, Shirow. **The Ghost In The Shell**. Volume único. Ed. JBC, 2016.

v . 2 5 , n . 3 , 2 0 2 5

Recebido 25/06/2025

Aprovado

01/09/2025

Licença CC BY-NC 4.0

